















































Em “Alka-Seltzer”, Jorge Queiroz apresenta um corpo de trabalho que se espalha por três diferentes níveis, ocupando a totalidade das salas do piso superior do espaço Rialto 6. Com o apoio de David Maranhã, a sua intervenção apoia-se na memória de uma anterior exposição, onde concebeu uma composição sonora e uma instalação que dava “eco” a uma imagem projectada. Nessa primeira exposição, Queiroz explorava as particularidades do som, da imagem e do tecido, trabalhando este último como corpo escultórico e ecrã, ou receptor maleável de uma projecção de vídeo. Encontrando novas possibilidades, esse corpo reinventa-se agora numa acção mais complexa e abrangente, cruzando uma composição sonora, um tecido desdobrado (que enforma uma proeminente peça central), várias projecções de vídeo e um grupo de trabalhos em papel que dialogam entre si.

A intervenção de Queiroz constitui-se como uma experiência singular que se dilata do desenho ao objecto escultórico, da instalação à inscrição sonora, e do assento audiovisual à ambiência cenográfica, para, esbatendo a fronteira dos registos empregues, potenciar a leitura de uma obra única.

Na base deste processo está o som da diluição de um comprimido efervescente e aquilo que extraímos da sua duração. A demora do que se dissolve, ou a expectativa que esta acalenta, promete afastar um qualquer excesso, ou azia, que ainda se pode fazer sentir. Dir-se-ia que esse tempo de esperança, mas também de convulsão, traz consigo um conjunto de imagens e movimentos que dão expressão ao vídeo apresentado, traduzido, entre outros, na densa sobreposição de brinquedos, modelos de pagodes chineses, animais e copos de água. Assim, se esse tempo é portador de referências que se entremeiam na cabeça e no olhar, um comprimido de Alka-Seltzer é, nas palavras de Queiroz, “uma máquina de pensamento”,

In “Alka-Seltzer”, Jorge Queiroz presents a body of work that spreads out on three levels, occupying the rooms of Rialto 6's upper floor in their entirety.

With the help of David Maranhã, the work is inspired by a previous exhibition, conceived as a soundwork and installation which are “reverberations” of a projected image. Initially, Queiroz explored aspects of sound, image and fabric, where the latter served as sculptural form and backdrop, or malleable recipient for a video projection. As new possibilities for the work have emerged, it has reinvented itself to become ever more complex and wide-ranging, where a sound composition, a length of fabric (whose folds comprise a prominent central piece), a number of video projections and works on paper are juxtaposed and inform each other.

Queiroz' intervention unfolds before us as a singular expression of drawing and sculptural object, installation and sound piece, the audiovisual to atmospheric stagecraft, whereby in transcending these mediums we become attuned to the work's uniqueness.

Central to this process is the sound of a fizzy tablet dissolving and our sense of its duration. The time it takes to dissolve, or the expectations it engenders, seems to promise certain relief from whatever excess or pain we may feel. It could be said this time spent waiting, what's more convulsive, invokes all kinds of images and movements that become manifest in the video that is part of the work, intimated in its densely overlapping toys, models of Chinese pagodas, animals and glasses of water. Thus, if this time is a vessel for references that crisscross the imagination and vision, an Alka-Seltzer is, in Queiroz' words, “a device for thinking”, or a means to un-focus our gaze, while inviting us to wander between the screen and the object, image and shadow, the work and those present.

ou um dispositivo que desfoca a visão e nos convida a vagar entre o ecrã e o objecto, a imagem e a sombra, a obra e o observador.

Dir-se-ia que existe um sentido de deambulação que atravessa as obras e a sua articulação ao longo da exposição. Essa deambulação, ou livre caminhar, sugere-nos vários encontros que pautam pela surpresa e pela subversão, mas que se distinguem, também, pelo seu contrário. Reconhecendo complementaridade nos diferentes registos, percebemos, por exemplo, a existência de sons e imagens de pássaros que povoam o vídeo, que se repetem nos desenhos que, fixos à parede, marcam pontos específicos do espaço, e que, ainda, sem imagem, se revelam na sonoridade envolvente.

Ao longo da exposição reagimos a vistas e caminhos que se insinuam entre as pregas do tecido. Dobrando-se em múltiplas camadas, o tecido ganha forma, mas também desenho, afigurando-se a um polvo gigante que estica os seus membros pelos recantos do local. Com um recorte fluido, reconhecendo o que aparenta ser a cabeça, o corpo e os tentáculos dessa excêntrica entidade, o ecrã transforma-se alternadamente em sombra e em projecção, reforçando uma existência em osmose que tudo atravessa. Na sugestão de vários percursos encontramos os trabalhos sobre papel que ocupam salas largas, corredores apertados e clareiras chilreantes, tomando posições que trabalham uma ideia de sequência. Deste modo, se alguns desses desenhos são apresentados de modo repetitivo e linear, outros adoptam um lugar de limite e reagem às esquinas do local, brincando com uma perspectiva afunilada, encimando uma projecção na parede, ou destacando o topo de um enfiamento visual que surpreende o visitante.

Todos os trabalhos sobre papel partem de um postal holográfico que é ampliado e serigrafado, formando um padrão que o artista cedo deturpa. Sobre a figura recorrente

It could also be said the works reflect and articulate a sense of sinuousness throughout the exhibition. This sinuousness, or meandering, throws up subversive experiences that catch us unawares, but that also offer other contrasting readings. We recognise something unifying in these sensations, such as sounds and images of birds that appear in the video, or that are repeated in the drawings which, hung on the wall, mark specific points in the space, or which, without a visual reference, emerge from the soundscape around us.

As we explore the exhibition, we encounter visual tableaux and pathways that lead us through the material's twists and turns. Layering itself over and over, the fabric gains shape and contour, whereupon we begin to recognise a giant octopus, stretching its tentacles far and wide. Fluid of line, as we make out what seems to be the head, body and tentacles of this strange being, it can cast shadow and just as often serve as a backdrop for projection, imbuing all in its path with the sense of an existence in osmosis. As we wander certain paths, we come across the works on paper in the larger rooms, down narrow corridors and clearings noisy with birdsong, leading us to seek out some perceived idea of sequencing. This being the case, if some of the drawings are exercises in repetition and linearity, others seem to herald the outer limits of the space in response to its intersections, playing with notions of tunnel vision, heading the video projection on the wall, or surprising the viewer as they highlight different visual entanglements.

All the works on paper are variations on a holographic postcard, which is then blown up and reproduced to form a pattern which rapidly becomes distorted. Over the repeated symbol of two birds, laid out at the top of each sheet of paper and in apparent conversation, we see a series of inscriptions that add, certify and transform the composition. The

de dois pássaros, que encimam as folhas e permanecem em aparente conversação, existe uma série de inscrições que se adossam, carimbam e transfiguram a composição. Os pássaros, na vontade de uma qualquer proximidade, debruçam-se sobre o que em baixo se manifesta. Os seus bicos e os seus cérebros permanecem ligados por uma mancha que Queiroz inseriu, acusando uma osmose similar àquela que o polvo promete (ou aquela que a envolveria dos seus tentáculos sugere). De igual modo, na lógica de uma constante permeabilidade, o que desponta na base e no centro das folhas, rapidamente se alarga ao topo.

O diálogo de saturação que estas peças encenam, surge na parede e no espaço, revendo-se no som, no objecto e nas projecções que este acolhe. Num atravessamento de camadas sobrepostas, do papel ao tecido, e do som à imagem em movimento, algo permeia o local e o corpo de quem o cruza.

No todo, podemos falar numa ideia de colagem que atravessa um conjunto e que, na penumbra de um imaginário fervilhante, aglutina, cruza e dilui uma densidade de referências. Essa densidade caleidoscópica, que convive inesperadamente na evasão e na sobrecarga, estimula expectativas, contradições e encontros inéditos, ensaiando um caminho entre o pensamento e a intuição. Assim, de modo familiar e surpreendente, redescobrem-se (id)entidades e as suas inusitadas ligações, numa estranha existência osmótica que se reconhece, mas que custa nomear. Algo entre o sonho e a realidade, que se funde e está em fuga.

birds, seeking out a certain connection, bend over what follows below. Their beaks and brains have been permanently joined in ink by Queiroz himself, reminding us of an osmosis similar to that which affects the octopus (or perhaps suggested by its enveloping tentacles). Similarly, and constantly breachable, what emerges at the foot and body of the paper works, rapidly spreads skywards.

The unrestrained back-and-forth these works indulge in finds echoes all around us, be it in the sound, objects or video projections. In the crisscrossing superimposition of layers, from paper to textile, sound to moving image, something has taken over the space and the body of whoever is in its path.

All in all, it is the idea of Collage which is a constant in the work, obscure workings of a fervid imagination that binds, crosses and adulterates a denseness of references. This kaleidoscopic denseness, where equivocates as much as it overloads, unexpectedly, leads us to certain expectations, contradictions and chance encounters, on a path somewhere between thought and intuition. Consequently, in ways at once familiar and surprising, certain (id)entities and their unexpected connections are rediscovered, a strangely recognisable osmotic existence whose name eludes us. Both formative, and evasive.

*Liner notes:*

*Alka-Seltzer was recorded in 27, 28 and 29 of September 2020 by David Maranhã in Violante do Céu Studio, Lisbon Portugal and the bird songs are the result of a regular correspondence between Jorge Queiroz and David from 17 September to 7 October 2020. Jorge sent whistled imaginary bird samples that mapped an encyclopedia of samples that David orchestrated into the final forest.*

*Conceived by Jorge Queiroz  
Composed and arranged by David Maranhã on 14 and 15 of October 2020  
Mixed by David Maranhã on 16 of October 2020  
Remixed by David Maranhã for Rialto6 from 11 to 14 of January 2023  
Mastered by David Maranhã on 18 of January 2023*

*This album is the audio component of a movie by Jorge Queiroz and part of his exhibition with the title Alka-Seltzer, projected onto a raw cloth screen made by Patrícia Machás and David Maranhã in Appleton Gallery 20 of October 2020 presentation and by David Maranhã in Rialto6 from January to April 2023.*

*Filmed by Jorge Queiroz and Karina Ribeiro de Andrade  
Movie edit by David Maranhã and Jorge Queiroz*

*Photos by Karina Ribeiro de Andrade*

*Text by Sérgio Fazenda Rodrigues  
Translated by Colin Ginks*

*Book design by David Maranhã  
Printed and manufactured at Monotype,  
Warszawa, Poland in March 2023*